

Carlos Drummond de Andrade

Subsídios para
um retrato
do poeta

José Alberto Braga

CERTO FINAL DE TARDE DE UM DIA CHUVOSO, um rapaz de vinte anos seguia de perto um senhor magro, esguio e algo seráfico, a caminhar de cabeça baixa, envolto nas brumas do pensamento. Lá caminhava o senhor de fato escuro, guarda-chuva aberto e com um pequeno pacote branco, que se equilibrava a balancear, preso a um fio quase imperceptível. O senhor de carnes magras e de olhar vago, um tanto angelical até, parecia levitar no meio cheio da água. Não olhava para os lados, não via ninguém. Parecia seguir uma rota própria, imperceptível para o resto dos mortais. O jovem seguiu-o quase toda a Avenida Rio Branco. Quase ao fim da rua, o homem magro sumiu, *anonimou-se* na multidão daquele final de uma abafada tarde carioca. O rapaz ainda recorreu ao *zoom* do olhar, mas não mais o viu. Tanta gente e um poeta, um poeta e tanta gente e, no mar humano, anotou o rapaz, ninguém conseguiu identificar o poeta de Itabira naquele homenzinho de embrulho branco. O automóvel não parou, a vida também não e o adolescente jurou a si mesmo pôr um dia no papel este desencontro do poeta com a sua gente, com o comezinho da vida, afinal. Promessa cumprida.

Carlos Drummond de Andrade, quase anônimo em si mesmo, só não passava despercebido no labor literário, quer se tratasse de poemas, crônicas, aforismos, desenhos ou cartas. Missivas foram às dezenas, porque o poeta considerava uma ofensa não responder aos milhares de cartas de leitores e de centenas de poetas mais ou menos esforçados, desejosos de receberem, na volta do correio, um adjectivo que impulsivasse um começo de carreira.

No perfil esboçado por cronistas apressados, sobeja o poeta só, o versejador introspectivo, quase sempre arredio à entrevista ou à boa prosa. Mas é uma falsa imagem, ou pelo menos um retrato parcial, de resto pouco profundo. Drummond parecia usar um misterioso escudo

Depois de Pessoa, é de Carlos Drummond de Andrade o título de maior poeta contemporâneo no mundo de expressão portuguesa... os dois tocam-se em múltiplos aspectos... no olhar desencantado do mundo. «Finjo a alegria que não tenho», dizia Drummond.



mágico que brandia para afastar os curiosos da superficialidade. O seu ar tímido, um tanto ausente até, funcionava como antídoto para as falsas intimidades. Mas esse era um Drummond, porque existiam outros, e um deles não recusava o carioquíssimo *bate-papo* com os amigos. Ficou famoso o «Sabadoyle», neologismo criado por Raul Bopp, porque aconteceu aos sábados na casa de Plínio Doyle, no prédio 74 da Rua Barão de Jaguaribe, Rio de Janeiro. O Sabadoyle reunia uma singular confraria composta uma por uma dezena de escritores, entre os quais Alphonsus de Guimarães Filho, Pedro Nava, Homero Homem, Afonso Arinos, Joaquim Inojosa e o crítico literário Wilson Martins. O encontro dos sábados nasceu certo dia, quando Carlos Drummond de Andrade resolveu consultar livros e revistas na magnífica biblioteca de Plínio

Doyle. A confraria tinha como ementa a palavra, e a conversa era alimentada unicamente por biscoitos e cafezinho. Testemunhas oculares da história do Sabadoyle ratificam Drummond como um dos maiores entusiastas daquele descomprometido entretenimento. Boa parte das frases e aforismos do poeta podem ser explicados por esse deitar fora de fraseado, aqui e ali recuperado para as crônicas que escrevia regularmente no *Jornal do Brasil*.

Hoje tem-se a legítima suspeita de que Drummond fomentava a sua própria solidão para dela extrair os poemas plenos de angústia e de metafísica. Solitário, sim, mas nunca alheado da vida ou das gentes do seu tempo. Os mais recentes biógrafos esgravataram-lhe os passos e descobriram uma vida amorosa paralela, o que, aparentemente, não casava com

FRASEADO DRUMMONDIANO

- ADÃO ✦ Adão, o primeiro espoliado — e no próprio corpo.
- ADMIRAÇÃO ✦ Às vezes sou tentado a me admirar, e isto me causa a maior admiração.
- ADULTÉRIO ✦ No adultério há pelo menos três pessoas que se enganam.
- ÁGUA ✦ Tudo é mais simples diante de um copo de água.
- AMOR ✦ O amor ensina igualmente a ferir e a ser ferido. ✦ Nossa capacidade de amar é limitada, e o amor infinito: este é o drama. ✦ Há vários motivos para não amar uma pessoa, e um só para amá-la; este prevalece.
- ANALFABETISMO ✦ A alfabetização é a primeira coluna da estrutura social; o analfabetismo pode ser a segunda.
- ANEDOTA ✦ Não se inventou ainda a anedota triste, para ocasiões fúnebres.
- ANTROPOFAGIA ✦ Os métodos modernos de negócio tornaram obsoleta a antropofagia.
- ARTE ✦ A arte vivifica a humanidade e aniquila o artista.
- ÁRVORE ✦ Tentamos proteger a árvore, esquecidos de que é ela que nos protege.
- ACTOR ✦ O actor é metade gente, metade personagem, não se distinguindo bem as metades.
- AUTÓGRAFO ✦ Pedir autógrafo ao autor lisonjeia sua vaidade sem melhorar a qualidade da obra.
- AVAREZA ✦ O avarento perfeito economiza a ideia de dinheiro, evitando falar nele.
- BANCO ✦ o cofre do banco contém apenas dinheiro; frustra-se quem pensa que lá encontrará riqueza.
- BANQUEIRO ✦ O banqueiro ignora que tem dinheiro suficiente para fechar o banco e começar vida nova.
- BELEZA ✦ A beleza feminina é passadeira, mas seus admiradores também são.
- BRUXA ✦ Quem não acredita em bruxas talvez já se tenha tornado uma delas sem percebê-lo.
- CAIM ✦ Caim já não mata Abel: coloniza-o.
- CANDIDATO ✦ A confiança no candidato deve ser temperada com a desconfiança no eleito.
- CÃO ✦ O facto de o cão ser fiel ao homem não quer dizer que ele aprove as acções do dono.
- CARIDADE ✦ A caridade seria perfeita se não causasse satisfação em quem a pratica.
- CASAMENTO ✦ O casamento indissolúvel é dissolvido pelo divórcio, pela morte e pelo tédio.
- CASTIDADE ✦ Ao contrariar a natureza, a castidade torna-se a mais terrível das virtudes.
- CEMITÉRIO ✦ Nossos mortos estão sepultados em nós, mas preferimos visitá-los no cemitério.
- CHUVA ✦ A chuva é igualmente responsável por gripes e poemas lacrimejantes.
- CORTESÃO ✦ A falha da República é suprimir a corte, mantendo os cortesões.
- CREMAÇÃO ✦ A cremação é ainda forma de vaidade: querer destruir a morte.
- CRENÇA ✦ Há muitas razões para duvidar, e uma só para crer.
- CRISTO ✦ Cristo ensinou a Pilatos que nem toda a pergunta deve ser respondida.

aquele senhor burguês de ar circunspecto. A nova faceta aguçou o apetite dos editores que, mergulhados no generoso baú dos inéditos, encontraram versos eróticos a saudar os prazeres do corpo, vertidos para um livro recente, de nome *O Amor Natural*, editado à sua revelia. Volúpia, audácia e irreverência extravasam nos versos de Drummond que, rapidamente, abandona a fama de homem tímido para exaltar o encontro de corpos por via da sensualidade. Feitos em homenagem a um amor «proibido», os versos mantêm o compromisso com a originalidade e a parcimónia e, neles, o poeta mineiro faz questão de manter uma certa contenção nos versos algo eróticos: «*O que se passa na cama é segredo de quem ama*», sinaliza o poeta aos mais curiosos.

Um outro paradoxo de Drummond surge na lenda de ter sido um escritor avesso a entrevistas, a dar opiniões políticas ou de assinar manifestos. Esta afirmação não corresponde de todo à realidade, a prova é que ele concedeu uma série de entrevistas importantes, principalmente nos últimos anos de vida, muitas delas a vergastar a ditadura militar, e não se refutou mesmo ao memorialismo e à reminiscência, dando testemunhos do tempo e de si próprio aos eventuais interessados. O que Drummond não fazia era alarde das suas convicções e, como falava em tom de voz baixo, a sua opinião passava muitas vezes despercebida junto aos sectores mediáticos.

Pode-se dizer que na obra de Drummond coexistem o entusiasmo e a desesperança do seu tempo. Nos seus versos perpassa um modernismo saído da fase mais eufórica, sem recusar as vertentes sociais e metafísicas, trabalhadas obsessivamente no somar das palavras. A clareza é um imperativo que coloca a si mesmo. A objectividade da forma e da ideia, mesmo quando mergulha em reflexões algo subjectivas, é perseguida obsessivamente pelo escritor.



Hoje tem-se a legítima suspeita que Drummond fomentava a sua própria solidão para dela extrair os poemas plenos de angústia e metafísica.

Drummond estreou-se em livro em 1930. Logo na primeira obra, *Alguma Poesia* (1930), o autor revela a timidez, mas também o «gauchismo», o não vou por aí que ficaria famoso, especialmente na primeira metade do seu trabalho,

como no «Poema de Sete Faces»: «Quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: “Vai, Carlos! Ser gauche na vida”. Carlos foi, mas contemporizava a sua rebeldia com o emprego de funcionário público, no Ministério da Educação».

Como poeta, ele integrou o movimento literário modernista pelo grupo de Belo Horizonte, com Emílio Moura, Abgar Renault, Pedro Nava e outros. Na qualidade de jornalista, editou com seus companheiros de geração *A Revista* (1925-1926), primeira publicação modernista mineira, foi redactor-chefe do *Diário de Minas* e redactor do *Estado de Minas*, além do *Diário da Tarde*. E colaborou em diversas revistas cariocas.

Na qualidade de cronista, forma que muito apreciava, Drummond escreveu no *Diário da Manhã*, Rio de Janeiro, entre 1954 e 1968, uma crónica chamada «Imagens», em que falava do dia a dia, da realidade quotidiana ou da condição do homem e do mundo. É dessa época a personagem imaginária de João Brandão, a qual captava situações e circunstâncias, vertidas em comentários e muitos aforismos. Três vezes por semana, até pouco antes de morrer, Drummond manteve uma crónica em prosa ou em verso no conhecido «Caderno B», do *Jornal do Brasil*. Aposentado do serviço público em 1962, depois de 35 anos de serviço, Drummond, na qualidade de secretário, colaborou com seu amigo Gustavo Capanema, então Ministro da Educação.

Mas é o poeta que brota acima de tudo do homem Drummond. Depois de Pessoa, é dele o título de maior poeta contemporâneo no mundo de expressão portuguesa. Por sinal, os dois tocam-se em múltiplos aspectos e, de modo essencial, no olhar desencantado do mundo. «Finjo a alegria que não tenho», dizia o homem de Itabira. O poeta é um fingidor, mas finge tão completamente que envolve a

DANÇA ✦ O bailarino sonha em abolir a lei da gravidade.

DEMOCRACIA ✦ Democracia é a forma de Governo em que o povo imagina estar no poder.

DEUS ✦ Ao nos aproximarmos da morte, sentimo-nos mais perto de Deus, como se a distância não fosse a mesma.

DIABO ✦ É cada vez mais difícil vender a alma ao Diabo, por excesso de oferta.

DIREITOS DO HOMEM ✦ Vista da Lua, a Declaração Universal dos Direitos do Homem é irretocável.

DITADURA ✦ A diferença entre o ditador e o presidente é que o primeiro costuma governar mais tempo.

DOR ✦ A nossa dor liga-nos ao próximo; a do próximo afasta-nos dele.

EDUCAÇÃO ✦ A educação assemelha-se ao jogo; aposta no escuro.

ELEIÇÃO ✦ Se a maioria dos eleitores é fraca, a dos eleitos o é mais ainda.

ESTUPIDEZ ✦ A evolução das espécies não justifica certas modalidades de estupidez desconhecidas nos irracionais.

ETERNIDADE ✦ A eternidade é uma hipótese de trabalho para o pensamento lógico.

FALSÁRIO ✦ O fabricante de moeda falsa tem o defeito grave de não ser governo.

FALSIDADE ✦ Há documentos oficiais que não podem ser falsificados porque são a própria falsidade.

FANTASMA ✦ Passamos a acreditar em fantasmas quando começamos a nos parecer com eles.

MÁ FÉ ✦ A fé remove montanhas, substituindo-as por abismos.

FELICIDADE ✦ A felicidade tem um limite, a loucura.

FILHOS ✦ Os filhos educam pessimamente os pais.

FRANQUEZA ✦ Sejamos francos: todos abominamos a franqueza.

GLÓRIA ✦ A glória é um alimento que se dá a quem já não pode saboreá-lo.

GOVERNO ✦ Os governos seriam perfeitos se durassem apenas o dia da posse. ✦ Até do mau governo podem resultar coisas boas, por equívoco.

GUERRA ✦ A guerra é ganha pelos generais e perdida pelos soldados.

HOMEM ✦ Todos os homens pequenos, superpostos, não formam um grande homem. ✦ O homem faz tudo para ser superior a si mesmo: é uma atenuante.

HUMILDADE ✦ Somos humildes na esperança de um dia sermos poderosos.

HUMORISMO ✦ O humorismo é a aptidão para despertar nos outros a alegria que não sentimos.

INDEPENDÊNCIA ✦ A frase completa do Imperador deve ser: «Independência económica ou morte».

INFÂNCIA ✦ A criança julga-se proprietária do mundo, e às vezes o é, de berço.

INFERNO ✦ Se houver sociedade no Inferno, é difícil concebê-la diferente da nossa.

INOCÊNCIA ✦ A inocência é a forma celestial da ignorância.

INTELIGÊNCIA ✦ É a sensibilidade que torna suportável a inteligência, amenizando-a

JORNAL ✦ Pelas notícias de ontem, publicadas hoje, devemos temer o jornal de amanhã.

JUSTIÇA ✦ Todo o julgamento é duvidoso, mas a justiça quer persuadir-nos do contrário.

plateia, da lágrima ao riso. Não surpreende, portanto, que o escritor revele o seu fascínio pela figura de Charlot, uma outra personagem «gauche» e solitária. E através do palhaço ele redime a esperança: «*Velho Chaplin, a vida está apenas alvorecendo e as crianças do mundo te saúdam*».

O poeta enfrenta a problemática do destino e, a exemplo de Dante ou de Poe, mergulha no mistério da vida. «*O mundo não vale o mundo*», ver-seja desesperado o escritor, para logo questionar a sua validade enquanto escritor: «*E já não sei se é jogo, ou se poesia*», desabafa.

As palavras, em Drummond, soam encantatórias. Encontramo-nos frente a um poeta de recursos semânticos, palavras de pura abstracção, onde é raro o adjectivo e onde a surpresa espregueia o leitor, verso a verso. Nele é comum a repetição, nunca para adjectivar, mas para cadenciar, para subverter a ideia e a eventual acomodação na leitura. É famoso o seu verso, «*No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho / tinha uma pedra / no meio do caminho tinha uma pedra*». Durante anos, leitores em geral, e críticos em particular, aprofundaram a eventual essência deste raciocínio drummondiano. O poema chegou a dar-lhe algumas dores de cabeça. Alguma crítica chegou a vergastar o seu trabalho a partir da pedra enigmática. Mas que caminho? Mas que pedra? Os críticos ficaram pelo caminho mas o poema foi mais adiante, cheio de nuances, pleno de intencionalidades. E no entanto a explicação surge fácil, clarividente. Onde está a pedra é só colocar o nome do poeta.

No meio do caminho tinha um poeta: Carlos Drummond de Andrade, ver-sejador gauche, iluminado, tirado a fio de prumo pelos deuses e solto na terra por um anjo em dia de rara inspiração.

*«ÁRVORE – Tentamos proteger
a árvore, esquecidos de que é ela
que nos protege».*



KAFKA ✦ Parte do prestígio de Kafka resulta do fascínio da letra K.

LEI ✦ A quase totalidade das leis, como sucede aos espermatozóides, não é aproveitável.

LIBERDADE ✦ Liberdade de pensamento exige coisa rara: pensamento.

LÍNGUA ✦ O purista procura cercar a língua toda a vez que ela tem um acesso de vitalidade.

LITERATURA ✦ A literatura fazia-se com manifestos; hoje faz-se sem literatura. ✦ A lauda em branco resume o infinito de textos que jamais serão escritos por incapacidade. ✦ Tudo o que escrevemos não vale o que deixamos de escrever. ✦ As obras-primas devem ter sido geradas por acaso: a produção voluntária não vai além da mediocridade. ✦ A literatura não soube ainda compor uma tragédia digna dos acontecimentos da actualidade.

LOUCURA ✦ Há limite em que a razão deixa de ser razão e a loucura ainda é razoável.

LUCIDEZ ✦ Somos lúcidos na medida em que perdemos a riqueza da imaginação.

LUCRO ✦ O lucro é o prejuízo de alguém que espera lucrar amanhã.

LUXÚRIA ✦ O instinto rebela-se contra a qualificação de luxúria que lhe atribuem.

MAR ✦ Como não sei nada, o mar para mim não tem o menor sentido.

MARCEL PROUST ✦ Marcel Proust fez da arte uma solução para a asma.

MEDO ✦ O medo une mais os homens do que a coragem. ✦ Ninguém se lembra de erigir um monumento ao medo, principal responsável pela conservação da vida.

MENTIRA ✦ O avesso da mentira nem sempre é a verdade, mas outra mentira.

MILITAR ✦ O mais sério problema da hierarquia militar é saber quem comandará o comandante supremo.

MINISTRO ✦ O bom ministro se envergonha de pertencer ao mau Governo, mas continua nele.

MORTE ✦ Não há vivos; há os que morreram e os que esperam vez.

MULHER ✦ É próprio da mulher o sorriso que nada promete e permite imaginar tudo. ✦ A mulher é mais do que o homem quando este pretende ser mais do que a mulher. ✦ As mulheres que amaram muito parecem ter uma luz filtrada no semblante. ✦ É possível que existam mulheres virtuosas por falta de imaginação. ✦ O mal das mulheres é não confiarem bastante na mulher.

MUNDO ✦ Difícil compreender como no vasto mundo falta espaço para os pequenos.

NAÇÃO ✦ Quando uma nação se diz ou se supõe grande, as demais devem acautelar-se.

NÁDEGA ✦ A nádega é uma forma de beleza que desperta riso, quando deveria despertar admiração.

NARIZ ✦ Apêndice saliente que costuma cheirar onde não é chamado.

NATUREZA ✦ A natureza não faz milagres; faz revelações.

NECROLÓGICO ✦ Os mortos não se reconheceriam, se pudessem ler os seus necrológios.

NUDEZ ✦ Há uma distinção óbvia entre o nu da moda e o nu da miséria. ✦ A nudez do ente amado continua deslumbrante depois que o perdemos.

OBEDIÊNCIA ✦ A obediência é uma virtude sem prazer.

POEMAS DE DRUMMOND DE ANDRADE

MÚSICA

*Uma coisa triste no fundo da sala.
Me disseram que era Chopin.
A mulher de braços redondos que nem coxas
martelava na dentadura dura
sob o lustre complacente.
Eu considere as contas que era preciso pagar;
os passos que era preciso dar,
as dificuldades...
Enquadrei o Chopin na minha tristeza
e na dentadura amarela e preta
meus cuidados voaram como borboletas.*

(in *Alguma Poesia*, 1930)

«PALAVRA – O poeta lança a palavra que ninguém usará, e orgulha-se disto».



OS OMBROS SUPORTAM O MUNDO

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.

*Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor:
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.*

*Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem
enormes.*

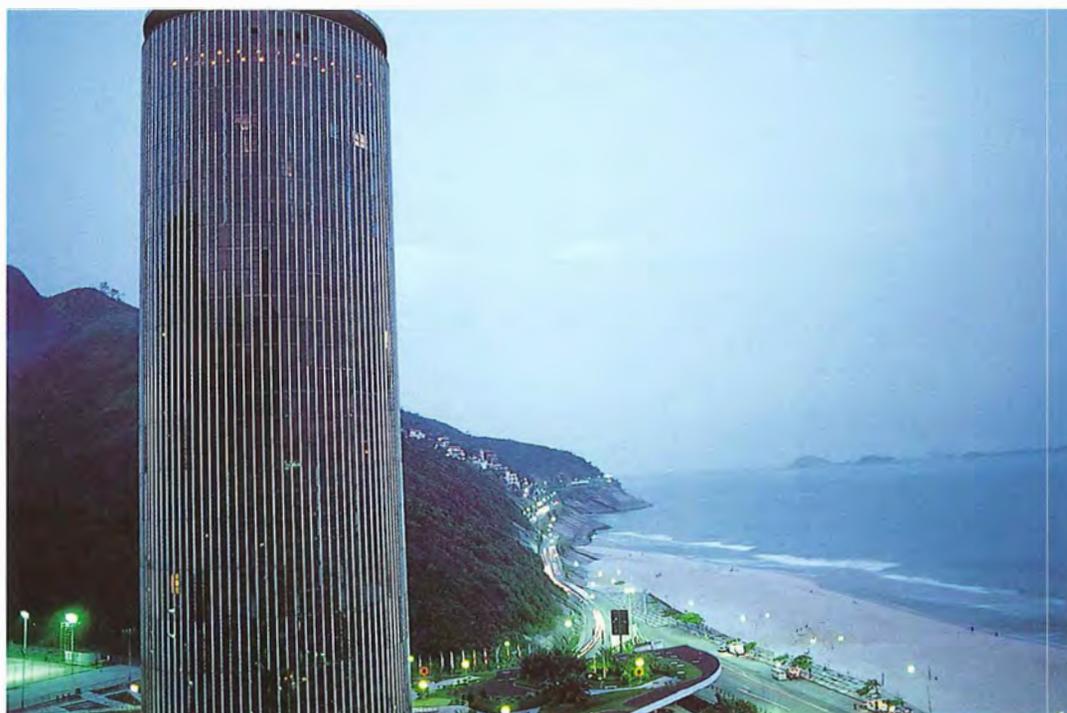
*És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.*

*Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos
edifícios
provam apenas que a vida prossegue*

*e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espectáculo,
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.*

(in *Sentimento do Mundo*, 1935-1940)

«MAR – Como não sei nada,
o mar para mim não tem
o menor sentido».



OCIOSIDADE ✦ A ociosidade, mãe de todos os vícios, também gera alguns prazeres.

OPINIÃO PÚBLICA ✦ A opinião pública é o resultado de opiniões contraditórias que se toleram ou emudecem.

OPTIMISMO ✦ O optimismo é um cheque em branco a ser preenchido pelo pessimista.

PAÍS ✦ O país excessivamente grande perde a noção de grandeza e resigna-se a ser dirigido por homens pequenos.

PALAVRA ✦ O poeta lança a palavra que ninguém usará, e orgulha-se disto.

PAPA ✦ Ainda bem que só o papa é infalível.

PASSADO ✦ Pagámos o débito do passado endividando o futuro.

PÁTRIA ✦ A pátria recompensa regamente os heróis, desde que sejam governistas.

PECADO ✦ Pecar com consciência cristã atenua a sordidez do pecado.

PÊNIS ✦ Se o pénis contasse tudo que sabe, a moral seria outra.

PERDÃO ✦ O perdão pode ser a maneira mais requintada de vingança.

PESADELO ✦ Realidade sem censura.

PLATEIA ✦ Em vez de pensar na perenidade de sua obra o autor teatral deveria pensar na plateia.

POBREZA ✦ Os países ricos, mesmo sem querer, ajudam os países pobres a ficar mais pobres. ✦ A nobreza tem sobre a riqueza a vantagem de não estar sujeita às variações da bolsa.

PODER ✦ O poder está sempre explicando que não pode tanto assim.

POESIA ✦ O poema jamais alcançará a sublimidade do silêncio total.

POLÍTICA ✦ Para cada tipo de situação política há um discurso pronto, de que se trocam as vírgulas. ✦ Certos políticos aprendem como andar velozmente de cócoras. ✦ Às vezes, nada mais distante do conceito de política do que um político. ✦ A ignorância, a cobiça e a má-fé também elegem seus representantes políticos.

PONTO DE VISTA ✦ A diferença entre o primeiro colocado e o último, em qualquer situação, é questão de ponto de vista.

POVO ✦ É fácil falar em nome do povo; ele não tem voz.

PRISÃO ✦ O preso político sabe que não é preso comum, isto é, que deve sofrer mais do que este.

PROBLEMA ✦ Se chamamos problema a uma fechadura enguiçada, não se sabe que nome convém à questão do destino do homem.

PROCISSÃO ✦ A procissão tem o ar alegre de um passeio de santos em companhia de amigos.

PSICANÁLISE ✦ Dormindo, o psicanalista sonha que está acordado e vê tudo mais claro.

QUESTÃO ✦ Uma questão tem tantos lados quantos forem os interesses ou inconvenientes em considerá-la.

REI ✦ O rei nunca está nu no banho; cobre-se de adjetivos.

RESPEITO ✦ Dos inferiores exigimos respeito; dos superiores nem sempre.

RIQUEZA ✦ A riqueza costuma ser desconfortável, mas de uma espécie bastante confortável.

SAUDADE ✦ Também temos saudades do que não existiu, e dói bastante.

SEGURANÇANACIONAL ✦ Não há necessidade de Constituição; inventou-se a Lei da Segurança Nacional.

COTA ZERO

STOP

*A vida parou
ou foi o automóvel?*

(in *Alguma Poesia*, 1930)

UM SOM DE VIDA RESSOANDO

*Dos heróis que cantaste, que restou senão a melo-
dia do teu canto?
As armas em ferrugem se desfazem, os barões nos
jazigos dizem nada.
É teu verso, teu rude e teu suave balanço de con-
soantes e vogais,
teu ritmo de oceano sofrendo que os lembra ainda
e sempre lembrará.
Tu és a história que narraste, não o simples nar-
rador. Ela persiste mais em teu poema que no
tempo neutro, universal sepulcro da memória.
Bardo, foste os deuses mais as ninfas, as ondas em
furo; céus em delírio, astúcias, pragas, guerras e
cobiças, lodoso material fundido em ouro.
Multissexual germinador de assombros, na folha
branca vieste demonstrando o que ao homem, na
luta contra o fado, cabe tentar, cabe vencer; per-
der; e nisto se resume a irresumível humana con-
dição no eterno jogo sem sentido maior que o de
jogar.
E quando de altos feitos te entendias e voltas ao
comum sofrer pedestre do desamado, não te vejo
a ti perdido de saudades e desdêns.
Luís, homem estranho, que pelo verbo és, mais
que amador o próprio amor latejante, esquecido,
revoltado, submisso, renascente, re florindo em
cem mil corações multiplicado.
És a linguagem. Dor particular deixa de existir
para fazer-se dor de todos os homens, musical, na
voz de órfico acento, peregrina.
Que pássaro lascivo se intercala no queixume*

*subtil de tua estrofe e não se sabe mais se é dor,
delícia, e espinho, afago, e morte, renascença?
Volúpia e gemo; e do gemido destilar a canção
consoladora a quantos de consolo careciam e
jamais a fariam por si mesmo?
(Amaldiçoado dia de nascer que em bênçãos para
nós se converteu!)
Já tenho uma palavra pré-escrita que tudo expri-
me quanto em mim se turva.
Pelos antigos e pelos vindouros, foste discurso de
geral amor:
Camões — oh som da vida ressoando em cada tua
síllaba fremente de amor e guerra e sonho entre-
laçados!*

PASSAGEM DO ANO

*O último dia do ano
não é o último dia do tempo.
Outros dias virão
e novas coxas e ventres te comunicarão o calor
da vida.
Beijará bocas, rasgará papéis,
fará viagens e tantas celebrações
de aniversário, formatura, promoção, glória, doce
morte
com sinfonia e coral,
que o tempo ficará repleto e não ouvirás o clamor;
os irreparáveis uivos do lobo, na solidão.*

*O último dia do tempo
não é o último dia de tudo.*

*Fica sempre uma franja de vida
onde se sentam dois homens.
Um homem e seu contrário,
uma mulher e seu pé,
um corpo e sua memória,
um olho e seu brilho, uma voz e seu eco,
e quem sabe até se Deus...*

*Recebe com simplicidade este presente do acaso.
Mereceste viver mais um ano.
Desejarias viver sempre e esgotar a borra
dos séculos.
Teu pai morreu, teu avô também.
Em ti mesmo muita coisa já expirou, outras
espreitam a morte,
mas estás vivo. Ainda uma vez estás vivo,
e de copo na mão esperas amanhecer.*

*O recurso de se embriagar.
O recurso da dança e do grito,
o recurso da bola colorida,
o recurso de Kant e da poesia,
todos eles... e nenhum resolve.*

*Surge a manhã de um novo ano. As coisas estão
limpas, ordenadas.*

*O corpo gasto renova-se em espuma.
Todos os sentidos alerta funcionam.
A boca está comendo vida.
A boca está entupida de vida.
A vida escorre-te da boca,
lambuza as mãos, a calçada.
A vida é gorda, oleosa, mortal, sub-reptícia.*

(in *A Rosa do Povo*, 1941)

SEXO ✦ O sexo é prazer sentido e transmitido a outro sexo; do contrário não vale o nome. ✦ O clitóris tem razão que a mulher desconhece. ✦ Ao trocarmos informações, os maníacos sexuais verificam que a originalidade é impossível.

SOCIEDADE ✦ A sociedade cria requintes de vestuário e de culinária que dispensam os de espírito.

SOFRIMENTO ✦ Há quem se orgulhe de ter sofrido muito e por isto se julgue superior aos demais.

SUICIDA ✦ Julgando-se a si mesmo, o suicida torna desnecessário o Juízo Final.

SURDEZ ✦ A surdez é bálsamo que poucos sabem usar.

TEATRO ✦ Ir ao teatro é como ir à vida sem nos comprometermos. ✦ Aplaudir a peça de autor nosso amigo af significa necessariamente que gostamos dela, e sim dele.

TELEVISÃO ✦ A televisão, com seus intervalos comerciais, é escola e paciência.

TEMPO ✦ Viver e morrer, duas formas de perder tempo.

TERRORISMO ✦ O caminho da felicidade, que os terroristas tentam abrir, é obstruído pelos corpos das vítimas.

TIRANIA ✦ O sino toca jubiloso e triste pela morte do tirano, conforme se ordena ao sineiro.

TRABALHO ✦ O trabalho constitui ao mesmo tempo mais-valia e não-valia, conforme o ângulo de que o consideramos.

TRAIÇÃO ✦ Todos traímos um sonho, um ideal, uma ideia, e não nos sentimos desconfortáveis por isso.

UNANIMIDADE ✦ A unanimidade comporta uma parcela de entusiasmo, uma de conveniência e uma de desinformação.

UNIÃO ✦ A união faz a força, que, aplicada, faz a desunião.

UFANISMO ✦ Vocabulário raro para designar coisa que se banalizou.

VADIAGEM ✦ Deliciosa contravenção penal, quando praticada em sociedade.

VEGETAL ✦ Autor de obras-primas, o homem é incapaz de fazer um pé de couve.

VELHICE ✦ Não adianta ao velho ganhar a discussão com o moço; a vida está do lado do moço. Só os velhos entendem de amor, que não os entende. ✦ Suportar o peso da idade é a última prova de juventude. ✦ Tentamos consolar os velhos chamando-os de velhinhos.

VERDADE ✦ A explosão da verdade gera tanta poeira, que, por amor à limpeza, buscamos evitá-la.

VICE-PRESIDÊNCIA ✦ Aquilo que é e não é ao mesmo tempo.

VIDA ✦ Uma das injustiças da vida é a responsabilidade por estar vivo.

VINHO ✦ O vinho conduz à verdade, desde que ele também não seja falso. ✦ A mistura de vinhos e queijos prova que o paladar tem horror à solidão. ✦ O homem inventou o vinho para esquecer ou superar a condição humana.

VIOLÊNCIA ✦ A violência não prova nada, mas é que ela na quer mesmo provar nada.

VOTO ✦ O voto arma do cidadão, dispara contra ele.

WAGNER ✦ Os 134 instrumentos da orquestra desprezam os 130 decibéis do ouvido.

XINGAMENTO ✦ O xingamento deixa de ser ofensivo se consegue ser engraçado.

ZERO ✦ Prova convincente da existência do nada.

ZOOLOGICO ✦ No zoológico os animais não vivem; são vividos pelos olhos do visitante.

ESSAS COISAS

«Você não está mais na idade de sofrer por essas coisas.»

*Há então a idade de sofrer
é a de não sofrer mais por essas, essas coisas?*

*As coisas só deviam acontecer
para fazer sofrer
na idade própria de sofrer?*

*Ou não se devia sofrer
pelas coisas que causam sofrimento
pois vieram fora de hora, e a hora é calma?*

*E se não estou mais na idade de sofrer
é porque estou morto, e morto
é a idade de não sentir as coisas, essas coisas?*

(in *As Impurezas do Branco*, 1973).



No meio do caminho tinha um poeta:
Carlos Drummond de Andrade,
versejador gauche, iluminado, tirado a
fio de prumo pelos deuses
e solto na terra por um anjo em dia
de rara inspiração.